

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Educação Física no Ensino Médio Indígena Tremembé*Physical Education in Tremembé Indigenous Secondary Schools*Arliene Stephanie Menezes Pereira PINTO¹
Daniel Pinto GOMES²

Resumo: A Escola Indígena Tremembé Maria Venância, localizada na Aldeia de Almofala no município de Itarema-CE possui todos os níveis da Educação Básica. No Ensino Médio Indígena Tremembé (EMIT) as aulas acontecem de modo concentrado, sendo uma vez por mês e durante uma semana. O EMIT prevê a disciplina de Educação Física, e os dois professores responsáveis pela mesma, fizeram um convite à uma professora de Educação Física não indígena para ministrá-la, pois não tinham a formação específica na área. Este artigo objetiva narrar uma experiência com a disciplina de Educação Física na Escola Indígena Tremembé Maria Venância ocorrida em abril de 2022. A metodologia utilizada para este estudo é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva. Justifica-se tal narrativa como uma experiência de caráter intercultural e de valorização das experiências educativas por meio das práticas corporais indígenas. Concluímos que as possibilidades interculturais inerentes a esse processo são pontos de partida e enriquecimento para a área de Educação Física e a prática pedagógica dos docentes.

Palavras-chave: Educação Física. Tremembé. Ensino Médio. Indígenas.

Abstract: The Maria Venância Tremembé Indigenous School, located in the village of Almofala in the municipality of Itarema-CE, has all levels of basic education. At the Tremembé Indigenous Secondary School, classes take place in a concentrated manner, once a month for one week. The Tremembé Indigenous Secondary School includes the subject of Physical Education, and the two teachers responsible for it invited a non-indigenous Physical Education teacher to teach it, as they did not have specific training in the area. This article aims to narrate an experience with the subject of Physical Education at the Maria Venância Tremembé Indigenous School that took place in April 2022. The methodology used for this study is qualitative and descriptive. This narrative is justified as an experience of an intercultural nature and the valorisation of educational experiences through indigenous bodily practices. We conclude that the intercultural possibilities inherent in this process are points of departure and enrichment for the field of Physical Education and the pedagogical practice of teachers.

Keywords: Physical education. Tremembé. Secondary Education. Indigenous.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (UECE) e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do grupo de pesquisa Corponexões: corpo, cultura e sociedade (IFCE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6058632073001777>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3042-538X>. E-mail: stephanie_ce@hotmail.com

² Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da UFC. Integrante do grupo de pesquisa Corponexões: corpo, cultura e sociedade (IFCE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3559945361524845>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0256-9746>. E-mail: danielpinto@ifce.edu.br

1 Aninhá Vaguretê

Anteriormente a invasão portuguesa no Brasil, os povos indígenas desconheciam a educação escolar, mas mantinham diversas relações educativas. Acerca da origem da Educação Escolar Indígena, as autoras Cavalcanti e Maher (2006) mencionam que esta pode ser entendida através dos paradigmas assimilacionista e emancipatório.

O primeiro se inicia no Período Colonial sendo traçado pela assimilação de outros valores e a negação das culturas indígenas, servindo como instrumento ideológico para a homogeneização cultural. As autoras Bergamaschi, Antunes e Medeiros (2020) explicam que nesse contexto havia escolas voltadas para os indígenas com currículos e práticas que não eram protagonizadas por eles, com iniciativas missionárias e do Estado, que se estenderam até meados de 1970. A partir dessa data dá-se início ao segundo momento com o fortalecimento da luta do Movimento Indígena e a instituição da Constituição Federal do Brasil de 1988, a qual assegurou o direito dos povos indígenas à diferença, inaugurando um novo modelo educacional a partir de uma educação intercultural, bilíngue, específica e diferenciada.

Com o povo Tremembé (etnia que atualmente habita o litoral oeste do estado do Ceará, em 3 municípios: Itarema, Acaraú e Itapipoca, e na cidade de Tutoia, no Maranhão) não foi diferente. Seus processos educativos diferenciados iniciaram-se em discussões ainda em 1980, até ser devidamente fomentado em 1991 por Raimunda Marques do Nascimento, conhecida como Raimundinha, filha do cacique João Venâncio, a partir da escola Alegria do mar, na Aldeia de Almofala no município de Itarema-CE. Raimunda ensinava as crianças a ler e escrever, e também ensinava a cultura de sua etnia a partir do ritual do Torém (Pereira, 2019; 2020).

A Escola Alegria do Mar passou por várias mudanças estruturais, mudando inclusive de nome passando para Escola Maria Venância³, depois Escola Diferenciada de Ensino Fundamental e Médio Maria Venâncio e hoje chama-se Escola Indígena Tremembé Maria Venância (EIT Maria Venância) (Oliveira, 2015). Atualmente, a referida escola faz parte da

³ O nome Maria Venância é em Referência a avó de Raimunda.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará (SEDUC-CE) e possui todos os níveis da Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

No Ensino Médio Indígena Tremembé (EMIT) as aulas acontecem de modo concentrado, sendo uma vez por mês e durante uma semana nos períodos manhã e tarde. Os professores também são graduados ou graduandos em Licenciatura Intercultural Indígena. Já acerca das disciplinas, algumas são voltadas as suas especificidades culturais (Pereira, 2023).

Nesse contexto, o EMIT prevê a disciplina de Educação Física, e os professores Natali Nascimento dos Santos e Janiel Marques do Nascimento, responsáveis pela mesma, resolveram fazer um convite a uma professora de Educação Física não indígena para ministrar a mesma, visto que não tinham a formação específica na área.

Desse modo, este artigo objetiva narrar uma experiência com a disciplina de Educação Física na Escola Indígena Tremembé Maria Venância ocorrida em abril de 2022.

A metodologia utilizada para este estudo é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, e apresenta um relato de experiência. Esse relato versa acerca de fatos narrados a partir das experiências dos próprios pesquisadores (Gomes; Pereira; Santiago, 2021).

O *locus* do relato de experiência é a Escola Indígena Tremembé Maria Venância, situada na Aldeia de Almofala no município de Itarema no estado do Ceará. O período a que se refere a experiência foram os dias 25 e 26 de abril de 2022.

Justifica-se tal narrativa como uma experiência de caráter intercultural e de valorização das experiências educativas que concebem outras epistemologias e de enaltecimento das práticas corporais dos povos originários.

Por pensarmos neste viés, foram usadas, em todos os subtópicos, frases dos ritual do Torém, como: Aninhá Vaguretê (pedido de licença para iniciar o ritual) elencamos a introdução do texto na qual se explicita a temática, o problema de pesquisa, o objetivo do estudo, a sua relevância, se esclarece o tipo do estudo; Chama pros cuiambá (chamada no ritual para a partilha do mocoioró⁴) em que descrevemos a narrativa da experiência na disciplina de Educação Física no Ensino Médio Indígena Tremembé; e Água de *manim* (referência ao consumo do mocoioró que finaliza o ritual), seção em que retomamos o objetivo e compilamos os principais resultados.

⁴ O mocoioró é uma bebida feita do caju azedo e atribuída ao potencial curativo, de purificação corporal e do espírito. Assim, compreendemos que o Torém é um ritual sagrado.

2 Chama pros cuiambá

No dia 31 de março de 2022 a professora Stephanie Menezes Pinto recebeu uma mensagem via *WhatsApp* (aplicativo de mensagens) do professor indígena Janiel Marques do Nascimento, o qual solicitava sua disponibilidade para ministrar a disciplina de Educação Física no EMIT nos dias 25 e 26 de abril, conjuntamente com ele e a professora Natali Nascimento dos Santos, os quais são os professores da disciplina na EIT Maria Venância. A professora de pronto aceitou e rememorou a alusão aos povos originários no mês de abril.

A partir de então, foram trocadas diversas mensagens e ligações para fomentar um planejamento para as atividades e para que essas pudessem estar voltadas tanto à especificidade da etnia, quanto para as atividades de outros povos indígenas e que remetessem à disciplina de Educação Física.

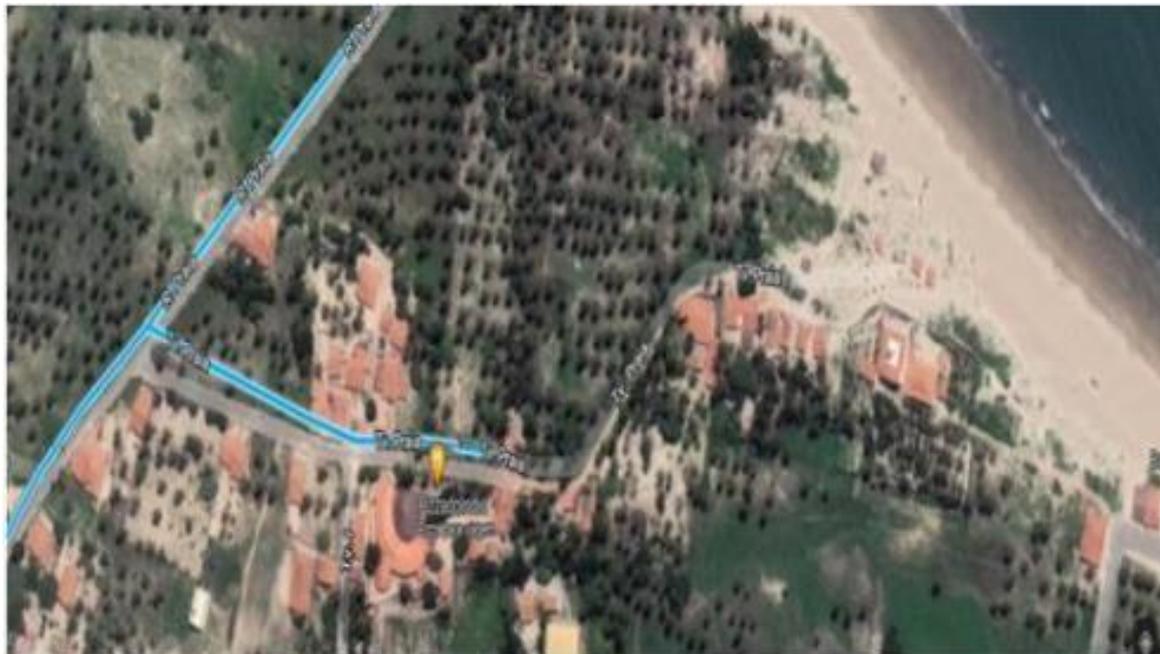
No dia 24 de abril a professora sai de Fortaleza rumo a Aldeia de Almofala e já nesse mesmo dia apresenta alguns materiais e o planejamento da disciplina é finalizado com os outros dois professores. As aulas partiram de vivências prévias da professora convidada com os Tremembé, mas também foram fundamentadas no livro *Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar* (Pereira, 2021).

No dia 25 de abril, no período da manhã, a aula teve início com a apresentação dos trabalhos da disciplina anterior. A saber, todas as disciplinas do EMIT iniciam desta forma.

As atividades da disciplina de Educação Física começaram no período da tarde com uma corrida de orientação. Os discentes foram distribuídos em cinco grupos de sete alunos cada, que objetivavam a exploração do espaço geográfico. Cada grupo recebeu um mapa com seis marcações de lugares da Aldeia de Almofala, um cordão elástico e fitas com cores diferentes, uma para cada grupo.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Imagem 1 - Mapa da Aldeia de Almofala entregue aos alunos



Fonte: Google Earth

As equipes saíam envoltas no cordão elástico para procurar as fitas com a cor da sua equipe. As fitas estavam escondidas em locais determinados com um X no mapa. O detalhe é que o grupo não poderia sair do cordão elástico. Ao final os alunos relataram como conseguiram encontrar as fitas, como se sentiram ao estar em grupo e andando na mesma velocidade dos demais, e mencionaram a questão do reconhecimento geográfico do entorno de sua aldeia e de como o trabalho coletivo tinha uma importância fundamental para o pertencimento de grupo entre os povos indígenas.

A segunda atividade proposta foi uma pescaria, uma atividade de cunho competitivo e que estimulava a coordenação motora. Os alunos foram divididos em 6 grupos e após os grupos ficavam em filas, cada um em frente a sua pescaria. Cada aluno, em ordem na fila, ia pescando um peixe e passando a vara para próximo da fila.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Imagem 2 – Alunos Tremembé na pescaria



Fonte: Acervo pessoal.

Cada peixe continha parte de uma frase que fazia a história do povo Tremembé⁵, quais sejam:

- Houve um tempo que os Tremembé para sobreviver teve que calar. Hoje para sobreviver tem que falar.
- A escola reforça a luta e a luta reforça a escola;
- Os encantados que são os nossos antepassados que morrem, que se vão. Que pra gente eles não morrem, eles se encantam;
- Terra Demarcada, vida garantida;
- Somos filhos de uma luta e frutos de uma conquista;
- Não tem caminho que eu não ande e nem tem mal que eu não cure;
- Ô desenrola essa corrente deixa os índios trabalhar.

⁵ As frases foram elencadas a partir dos estudos de Pereira (2011; 2019).

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Após todas as palavras serem pescadas, as equipes tinham que colocar as palavras em ordem para que formassem as frases. Após eles lerem as frases, tematizaram falando acerca da história de sua etnia.

As atividades do dia 25 foram finalizadas com o jogo da Peteca, como forma de vivência dos esportes coletivos. Inicialmente, foram contextualizados a história da peteca e os vários nomes pelo qual ela é nomeada: Pó-hyppr, Kopü Kopü, Peikrã, Popok e Paopao. Além de descrever a peteca como um artefato que remete a colheita do milho, pelo fato de seu fabrico manual ser com a palha deste alimento.

Os alunos ficaram em círculo e a peteca foi colocada em jogo, com o objetivo de não deixá-la cair.

Imagem 3 - Alunos jogando Peteca



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

No dia 26 de abril as atividades se iniciaram com o Ronkrã, um jogo que faz parte das modalidades dos Jogos dos Povos Indígenas. Os discentes foram divididos em dois times, em que cada jogador possuía um cabo de vassoura. O objetivo era rebater uma pequena bola e

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

defender sua meta ou rebater a bola para o campo adversário a atingir sua meta. Nesse jogo os pontos são marcados quando a bola atinge a meta do oponente.

Imagem 4 - Alunos jogando o Ronkrã



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Após a atividade, os alunos comentaram sobre outros jogos que conheciam e tinham semelhança com ele, a exemplo do jogo popular do Pau na lata. Assim, contextualizamos outros jogos e esportes semelhantes como o Tacobol, Bente Altas, Beisebol e o Hóquei.

Na atividade seguinte foi proposta uma coleta de materiais naturais. Os alunos foram divididos em grupos e cada um dos grupos recebeu uma lista com os seguintes materiais: caju, castanha ou mocororó; concha; jenipapo; pena; palha; sementes; água do mar; urucum ou pintura na pele; e maraca. As equipes tinham de coletar o máximo de materiais possíveis e no menor tempo que conseguissem. Também foi estipulado um tempo máximo para os grupos retornarem das coletas.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

Quando as equipes retornaram, elas tinham que apresentar os materiais coletados e relacionar ao modo de vida do povo Tremembé. Desse modo, os grupos deram significado a cada elemento e foram complementando coletivamente as falas dos colegas.

Após a atividade proposta, foi realizada uma brincadeira coletiva que consistia em desenroscar um círculo humano. Os alunos tinham que fazer um círculo de mãos dadas, com cada um memorizando quem estava do seu lado direito e do lado esquerdo. A professora apitava e eles podiam se movimentar livremente em uma marcação circular no chão. Ao soar do segundo apito, eles deveriam parar exatamente no local onde estavam e, sem sair desse lugar, deveriam dar as mãos às pessoas que estavam ao seu lado anteriormente. Sem soltar as mãos, eles deviam fazer com que o círculo voltasse ao formato do início da brincadeira.

Ainda em círculo, os estudantes relataram as dificuldades e facilidades que tiveram para se desenroscar do nó. Lembraram e cantaram instantaneamente uma música do Torém que diz: “Quem deu esse nó não soube dar. Esse nó tá dado eu desato já. Ô desenrola essa corrente deixa os índios trabalhar”.

Imagem 5 - Alunos em círculo e cantando o Torém



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Revista FAFIRE, Recife, v. 17, n. 1, p. 77-90, jan./jun. 2024.1

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

A próxima brincadeira proposta foi o Agú Kaká, também conhecida como arranca mandioca. A brincadeira consiste em fazer uma fila com os discentes sentados no chão, um atrás do outro. Foram formadas seis filas com sete alunos cada. O primeiro da fila era o dono da roça das mandiocas e os outros alunos eram as mandiocas.

Os discentes tinham que se entrelaçar uns nos outros com os braços e as pernas e, assim sucessivamente até o último da fila. O último aluno da fila que ficava de pé, era designado para ser o ladrão das mandiocas e deveria arrancá-las da fileira, uma a uma.

No desfecho da atividade, foram tecidas reflexões sobre o uso da mandioca pelos povos indígenas.

Imagem 6 - Brincadeira Agú Kaká



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Para finalizar as atividades do período da manhã do dia 26 de abril, foi proposto o Adugo, um jogo de tabuleiro também chamado de Jogo da onça. Um jogo de estratégia em

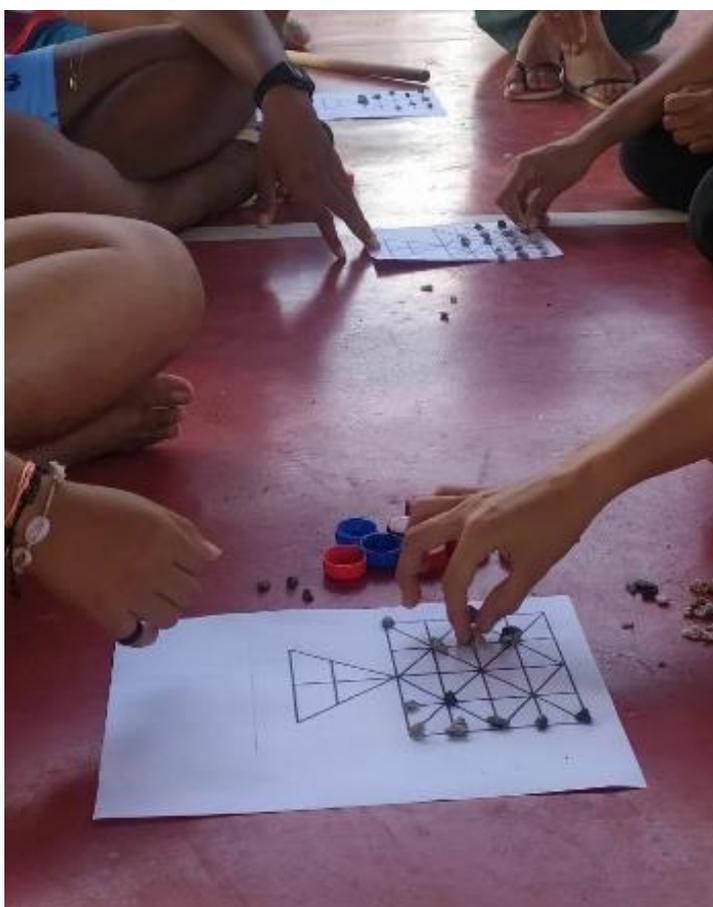
DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

que o tabuleiro e o modo de jogar lembram o Jogo de damas. Porém, as peças são nomeadas sendo uma onça e quatorze cachorros.

O jogo inicia com 2 jogadores oponentes: um com a onça e o outro com todos os cachorros. O objetivo da onça é comer os cachorros. E o dos cachorros é encurralar a onça.

Para este jogo, o tabuleiro foi impresso em um papel e as peças utilizadas foram produzidas a partir de materiais reaproveitados, como tampinhas de garrafas PET e pedras. O jogo foi previamente explicado e depois disso os estudantes se dividiram em duplas que elaboraram estratégias de raciocínio lógico a partir das tentativas realizadas no jogo.

Imagem 7 - Alunos com o Jogo da onça



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

As ações da tarde começaram com a leitura do texto *As primeiras atividades físicas dos índios* de Inezil Penna Marinho (1980), em que citando o autor Berredo (1748), menciona

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

sobre a natação dos Tremembé. Através das leituras os estudantes discutiram acerca das relações entre o passado e o presente de sua etnia.

Depois disso foi realizada uma caminhada até a praia de Almofala e lá iniciamos com a brincadeira do Saci. Essa brincadeira consiste em apostar uma corrida numa perna só, chegando até um ponto determinado. Foi feita uma marcação no chão de “largada/chegada” e outra para a “volta”. Os discentes, de mãos dadas, tiveram que fazer a volta na marcação, sem soltar as mãos, e retornar ao ponto de largada.

Os alunos mencionaram a dificuldade de realizar uma atividade dependendo de todo um grupo, mas refletiram que em uma aldeia muitas das atividades são coletivas e em suas visões cosmológicas, os indígenas dependem de todo o grupo para sobreviver e resistir.

Por fim, realizamos uma atividade de autoavaliação em que foi formado um círculo na praia e iniciamos uma roda de conversa. Os discentes do EMIT lembraram as atividades e tematizaram o que aprenderam durante as atividades, seus anseios e dificuldades. Eles comentaram sobre as relações entre a disciplina de Educação Física, as práticas corporais indígenas e as práticas inerentes da sua etnia.

Imagem 8 - Estudantes e professores na praia de Almofala



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

3 Água de manim

Nesse artigo objetivamos narrar uma experiência com a disciplina de Educação Física na Escola Indígena Tremembé Maria Venância ocorrida em abril de 2022.

Relatamos o convite a uma professora não indígena para ministrar a disciplina de Educação Física no EMIT na Escola Indígena Tremembé Maria Venância na Aldeia de Almofala, no município de Itarema-CE, nos dias 25 e 26 de abril de 2022.

A professora convidada propôs diversas atividades que englobavam os conhecimentos da área de Educação Física, a história e os aspectos culturais do povo Tremembé e também de outros povos indígenas a partir de jogos e brincadeiras.

Nessa jornada relatada, pode-se afirmar que a Educação Física abre possibilidades para se pensar na ressignificação dos elementos das práticas corporais indígenas. É salutar mencionar ainda, a maneira enfática com que a juventude Tremembé relacionou os saberes culturais de seu povo aos saberes da Educação Física. E que essa relação é uma proposição pedagógica decolonial e contra hegemônica em Educação Física, partindo do ponto de vista do pensamento-outro e de uma luta contra a não existência.

Assim, afirmamos que não podemos mais refletir acerca da Educação Física como uma área fechada em suas teorias próprias, mas devemos repensá-la como uma área que é totalmente aberta a interculturalidade.

Em síntese, consideramos que o convite para uma incrível experiência como essa é um grande desafio para uma pessoa não indígena. E que as possibilidades interculturais inerentes a esse processo são pontos de partida e enriquecimento para a área de Educação Física e a prática pedagógica dos docentes.

Referências

BERGAMASCHI, M. A.; ANTUNES, C. P.; MEDEIROS, J. S. Escolarização kaingang no Rio Grande do Sul de meados do século XIX ao limiar do século XXI. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 20(1), e103. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/46286>. Acesso em: 7 mar. 2024.

BERREDO, B. P. de. **Annaes historicos do Estado do Maranhão**. 1849.

DOI: 10.24024/23585188v17n1a2024p077090

CAVALCANTI, M. do C.; MAHER, T. de. J. M. **O índio, a leitura e a escrita: o que está em jogo?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP/MEC, 2005.

GOMES, D. P.; PEREIRA, A. S. M.; SANTIAGO, J. da. S. Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5503>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MARINHO, I. P. **História da Educação Física no Brasil**. 1ª ed. Brasil Editorial, 1980.

OLIVEIRA, R. L. de. **O torém como lugar de memória e espaço de formação na educação escolar diferenciada indígena Tremembé**. 2015. 151f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

PEREIRA, A. S. M. **Corpo Tremembé: Filho de uma luta e fruto de uma história**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Brasil, 2011.

PEREIRA, A. S. M. **Aninhá Vaguretê: corpo e simbologia no ritual do Torém dos índios Tremembé**. 1º. ed. - Curitiba: Appris, 2020.

PEREIRA, A. S. M. **Aninhá Vaguretê: reflexões simbólicas para a Educação Física no ritual do Torém dos índios Tremembé**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciência da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Natal, 2019.

PEREIRA, A. S. M. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar**. Fortaleza: Aliás, 2021. Disponível em: <https://ifce.edu.br/proen/defe/praticas-corporais-indigenas.pdf> Acesso em: 8 mar. 2024.

PEREIRA, A. S. M. **Raimundinha Marques Tremembé: protagonista da Educação Indígena Diferenciada no Ceará (1991-2009)**. 2023. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.